

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 560	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	II DE JULHO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caeetano Alberto da Silva.
Possesões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CASIMIR PERIER — NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA DE FRANÇA

(Cópia do retrato feito expressamente para *L'Illustration*)



CHRONICA OCCIDENTAL

Morreu a Alboni!

Esta noticia, que ha quarenta annos teria produzido enorme sensação em toda a Europa artistica e emocionaria fortemente Lisboa, enchendo os jornaes d'então de longos necrologios, passou quasi desapercibida por todo o mundo, e, entre nós, os jornaes quasi que não deram por ella e se deram foi apenas para a registar em duas linhas do obituario, ao lado de extensas columnas dedicadas ao fadista que na vespera, com a navalha quotidiana, poz as tripas ao sol, a algum collega, nas viellas perigosas da Mouraria, ou ao suicidio parrano de qualquer sopeira romantica, que com dez reis de phosphoros de pau epilogoou o romance banal dos seus amores infelizes, mal correspondidos pelo policia da esquina ou pelo municipal da estremoz-fronteira!

E como se não bastasse á pobre Alboni o silencio sepulchral, que se faz sempre em volta de todos os artistas theatraes, mesmo dos maiores d'elles, desde o momento em que calando se a sua voz se calam os hymnos triumphaes que os aclamavam em apoteoses, tanto mais ephemerias quanto mais ruidosas, a noticia da sua morte, que já não duria muito que fallar de si, coincidiu com esse tragico acontecimento que abalou a Europa inteira — o assassinio de Carnot.

E em frente do monstruoso crime de Lyon, em frente d'esse grande golpe vibrado á cabeça d'uma das mais poderosas, e com certeza da mais sympathica potencia do mundo, quem ia lá pensar na velha cantora, que ha quarenta annos enthusiasma toda a Europa com a sua prodigiosa voz e com o seu brilhante talento, mas que ha perto de trinta annos se retirára d'esse mundo de aclamações e de triumphos e esperava tranquillamente, obscuramente, ignoradamente, a morte, no seu pacato e silencio retiro de Ville d'Avray, na sua Villa *Cenerentola*, ultima recordação saudosa d'uma das suas mais refulgentes glorias?

E entretanto Marietta Alboni foi das cantoras mais aclamadas e mais celebradas que tem havido no mundo e o seu periodo aureo se não se pareceu em duração com o da famosa Patti, pois não chegou a durar vinte annos, não lhe ficou a dever nada em brilho, em fulgor, em enthusiasmo.

Em Lisboa fez a Alboni furor, ha quarenta annos, quando cá esteve, e o seu nome, a sua recordação gloriosissima ficaram por muito tempo nas memorias do theatro de S. Carlos como espantoso terrivel e pedra de toque desesperadora, para muitas celebridades lyricas, que depois atravessaram o nosso palco.

O successo que a Alboni teve entre nós foi tão grande que apesar de eu n'esse tempo ter apenas quatro annos, ainda hoje me lembro perfeitamente d'elle.

O seu nome foi o primeiro nome de artista celebre, que se fixou no meu ouvido de creança, e fixou se de tal modo que nunca mais me esqueceu.

Tambem não era facil deixar de ser assim porque esse nome tornou-se para mim n'uma verdadeira scie.

Em minha casa havia retratos da Alboni, e não se fallava senão na Alboni.

A Alboni foi durante mezes o assumpto obrigado das conversações de todas as pessoas que iam a minha casa, e de todas as casas onde eu ia, e mais tarde, quando eu comecei a andar pelos theatros, a ligar importancia e attenção a coisas artisticas, encontrei durante muitos annos ainda o nome da Alboni na bocca de toda a gente quando se fallava d'alguma cantora notavel.

Celebrava se a Volpini, ou a Borghi, ou a Galletti, ou a Rey Balla, e a resposta dos *dilletanti pur sang* era sempre a mesma:

— Não é má, não é má, mas á vista da Alboni!

E o nome da famosa artista foi durante longos annos o copo d'agua com que os velhos frequentadores de S. Carlos arrefeciam a fervura de todos os nossos enthusiasmos lyricos.

Foi na noite de 31 d'outubro de 1854 que a Alboni appareceu pela primeira vez no theatro de S. Carlos.

A opera da sua estreia foi a *Cenerentola*, uma das suas mais gloriosas coroas.

A Alboni tinha então 30 annos e estava em toda a plenitude dos seus maravilhosos recursos artisticos, da sua admiravel voz, d'um timbre deli-

cioso e d'uma extensão excepcional, voz que lhe permitia cantar n'uma noite a *Cenerentola* n'outra a *Somnambula*, e da sua arte consumada de cantora, arte com que adquirira uma agilidade de vocalisação, que fazia o desespero das sopranos ligeiros mais em voga então.

Diz o dictado que não ha bella sem senão.

A Alboni tinha dois senões, á falta d'um; uma exagerada opulencia de fórmas, que fez dizer a um dos seus criticos que a voz da Alboni era um rouxinol cantando dentro do corpo d'um elephante, e a falta de sentimento dramatico, de talento de comediante, que eram as qualidades culminantes da famosa Paulina Viardot, que a antecederia na criação da Fides do *Propheta* na opera de Paris.

Entretanto a Alboni tinha no seu repertorio uma opera em que como actriz dramatica era verdadeiramente extraordinaria — a *Anna Bolena*, de Donizetti, que foi um dos seus grandes successos em Lisboa.

No theatro de S. Carlos a Alboni cantou na epoca de 1854 a 1855 as operas — *Cenerentola*, *Somnambula*, *Favorita*, *Anna Bolena*, *Filha do Regimento*, *Barbeiro de Sevilla*, *Gazza-Ladra* e *Semiramis*, de Rossini, de Rossini que era o seu maestro querido, que fôra o seu mestre glorioso e de quem ella era a discipula adorada.

A Alboni, como já dissemos, teve em Lisboa um exito colossal, mas como acontece sempre em Lisboa, onde certa gente se cança muito depressa da admiração e tenta sempre atirar á cara d'um artista em evidencia com outro, que a maior parte das vezes não lhe chega aos calcanhares, uma parcella, embora diminuta, do publico de S. Carlos, fez cara á Alboni e tentou oppor-lhe uma artista que nem de longe se lhe podia comparar, a Castellan.

A escolha foi desgraçada, porque a Castellan era precisamente uma cantora do mesmo genero da Alboni com a differença de n'esse genero ser mediocre, ao passo que a Alboni era sublime, e emquanto ás qualidades de vigor artistico, de talento dramatico, que faltavam á Alboni, brilhava na Castellan tambem pela sua completa ausencia.

D'ahi não se poder estabelecer senão um simulacro de partidos, que ninguem tomou a serio e que não fez senão augmentar a fama e engrandecer o successo da Alboni.

Demais a mais a fama e o successo da Alboni não foram feitos em Lisboa; quando ella cá veio já os trazia lá de fora, consagrados pelo publico, pela critica e até pelos empregarios.

Com ella deu-se um facto raro, senão unico na vida dos bastidores.

Escurtida em 1847 para Londres, para o Covent Garden, em opposição á Jenny Lind, que estava fazendo furor no theatro da Rainha, o successo da Alboni foi tal, que de mutuo proprio o empregario quadruplicou lhe o ordenado por que a ajustara, elevando esse ordenado de 300 libras a 2000 libras.

A reputação famosa da Alboni não foi feita no nosso theatro de S. Carlos, foi feita nos principaes theatros da Europa, em Italia, em Vienna, em S. Petersburgo, na Alemanha, e em Paris, onde cantou na Opera com um successo colossal, e onde creou o papel de Zerlina n'uma opera que Auber, então em plena nomeada, escrevera expressamente para ella — *La corbille d'orange*.

Nascida perto de Ferrara, em 1824, a Alboni foi discipula, no Conservatorio de Bolonha, do celebre Rossini que, adivinhando o thesouro que havia n'aquella privilegiada garganta, tomou a seu cargo completar a educação musical d'essa alumna, que se apresentava já como um prodigio.

Aos 19 annos, sob a direcção de Rossini, a Alboni, debutou no Scala, no Maffro Orsini da *Lucrezia* e teve um exito enorme, o primeiro da sua brilhante carreira, que foi uma permanente serie de triumphos gloriosos.

Para em tudo ser privilegiada como cantora, a Alboni até teve o excepcional tacto — tacto que a maior parte dos artistas não tem e que tantas vezes bem caro pagam — de se retirar da scena antes da hora da decadencia soar e da idade ter começado a deteriorar a sua extraordinaria voz.

Retirou-se em plena gloria, aos 42 annos d'idade apenas, em 1866, por occasião da morte do seu primeiro marido, o Marquez de Pepoli.

D'então para cá a famosa Alboni viveu fóra do theatro — onde só voltou depois uma vez, em 1869, para, em homenagem á memoria do seu querido mestre, do famoso Rossini, morto no anno anterior, tomar parte na execução da *missa solemne* — mas sempre rodeada de amigos intimos, de artistas a quem animava com os seus conselhos e a quem ensinava os segredos da sua maravilhosa arte, com a sua consumada competencia.

Em 1877 a Alboni tornou a casar, desposando

um official da guarda Republicana, Charles Zieger.

Por occasião do centenario de Rossini, em 29 de fevereiro de 1892 a Alboni deu um concerto em sua casa, para celebrar esse anniversario, concerto em que ella, apesar dos seus 68 annos, tomou parte, cantando uma aria que Rossini escrevera para a Malibran e cantando a com prodigios de vocalisação e maravilhas d'arte.

Ha cerca d'um anno a famosa artista fora atacada d'uma grave doenca de estomago, que a emagreceu, que a fez perder o seu bom humor e a sua alegria, e que depois de a martyrisar a matou no dia 23 do mez passado.

As suas exequias foram celebradas no dia 26 em S. Pedro de Chaillot e o seu cadaver sepultado no Père-Lachaise, mas por esse tempo já Paris estava alvoracado pela sinistra tragedia de Lyon e jornaes e publico não pensavam senão no assassinio de Carnot!

Reparo agora que tenho empregado toda a minha chronica d'hoje fallando da Alboni.

Não o lamento; primeiro porque não é muito que occupe uma chronica, quem tão grande e brilhante espaço occupou nos fastos mais gloriosos do theatro lyrico da Europa no meado do nosso seculo, segundo porque ha absoluta carencia de assumptos importantes em Lisboa, agora que a capital vae entrando na *morte saison*.

As novidades mais interessantes que ha são de livreria.

Quatro ou cinco livros notaveis acabam de sair dos prelos e estão chamando a attenção do publico e dos homens de letras: *D. Agostinho*, romance de Teixeira de Queiroz, *Os salmos de David*, traducção de Coelho de Carvalho, *O sr. de Foyos*, romance do visconde de Sanches de Frias, *Os orphãos de Calicut*, romance historico de Lopes de Mendonça, *Vid'Arada* livro d'um novo que tem indiscutivel talento, o sr. Alfredo de Mesquita.

De todos estes livros, e da deliciosa comedia do dr. Marques da Costa *Os preciosos*, a que já ha tempos nos referimos, fallaremos proximente.

Novidades theatraes devem começar agora na segunda quinzena de julho: — a companhia hespanhola do theatro da zarzuela de Madrid que vem dar uma serie de representações no theatro de D. Amelia; a revista do anno escripta por Sousa Bastos *Sal e Pimenta*, no theatro da Trindade, uma opera comica portugueza, letra de dois escriptores novos, musica do maestro Shetrini, no theatro da Avenida.

E terminando a nossa chronica d'hoje, uma noticia que nos é muito agradavel.

Regressou da Suissa onde fora em companhia de sua ex.^{ta} esposa, buscar um seu filho que está ali a educar, o nosso querido e illustre amigo o sr. conde de Valença.

Sua ex.^a, que ha mezes tem andado adoentado deu-se muito bem com a sua viagem e vem muito melhor dos seus incommodos.

Felicitamol o vivamente.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

CASIMIR-PERIER

NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA DE FRANÇA

O novo presidente da Republica de França, Jean Casimir Perier, nasceu em Paris a 8 de novembro de 1847.

Descendente de uma das primeiras familias de França, pelo seu valor politico e riqueza, seu avô, do mesmo nome, foi o primeiro ministro de Luiz Philippe, e seu pae ministro do interior do presidente Thiers.

Eleito deputado em varias legislaturas, tinha

occupado ultimamente a cadeira da presidencia do gabinete que se demittiu pouco antes do attentado que roubou á França o seu presidente Carnot.

É homem de boa presença e rara distincção, com certo ar marcial; de intelligencia elevada e caracter bom e firme, tem sido um politico activo, e tudo indica que foi a sua influencia politica que acaba de o collocar na presidencia da Republica.

Dizemos isto porque correu uma versão, de que elle só muito rogado é que accitou o espinhoso cargo, para o que tinha influido tambem os rogos de sua mãe, uma respeitavel senhora para quem os deveres civicos são sagrados, aconselhando seu filho a que não se negasse ao serviço que a patria exigia d'elle n'aquelle momento angustioso.

O sr. Casimir-Perier tem todas as qualidades que o recommendam para o alto cargo que foi chamado a occupar, e a sua mensagem que acaba de dirigir ás camaras, revela toda a finura e tacto politico de que é dotado.

Para afastar a idéa de que foi o seu partido que o elegeu, declara que não é homem d'um partido, mas da França e da Republica, e que seguirá os exemplos do seu antecessor.

Recorda a regularidade com que se acabavam de fazer as operações constitucionaes da transmissão do poder, e as grandes manifestações de sentimento com que a França prestou as suas ultimas homenagens a Carnot, accrescentando que uma nação tão disciplinada e de tanta utilidade politica saberá fortificar o seu governo com as liberdades publicas, força e vida dos povos.

Diz ainda o sr. Casimir-Perier que não renovará a sua candidatura á presidencia, quando terminar o seu mandato, durante o qual manterá e fará respeitar os direitos que a constituição lhe confere.

«Segura de si, confiada no seu exercito e na sua marinha, a França, que dos governos e dos povos estrangeiros acaba de receber altos e tocantes testemunhos de sympathia, pôde de cabeça erguida afirmar o seu amor da paz e continuar a ser o grande foco de luz intellectual, de tolerancia e de progresso».

As camaras receberam com applauso a mensagem e o mesmo se deu com a imprensa.

Fôra da França tambem foi bem recebida a mensagem, principalmente na parte que allude á paz da Europa, para o que tambem deverá influir bastante o rasgo generoso do imperador da Alemanha, indultando os dois officiaes francezes que estavam presos na Alemanha como espiões.

Esta acção generosa de Guilherme III tocou no coração dos francezes, como não podia deixar de ser, e talvez seja o primeiro passo para uma aproximação entre as duas potencias.

Se se chegasse ao desarmamento geral seria essa a maior gloria que assignalaria o consoldo do sr. Casimir-Perier.

O ASSASSINATO DE SADI-CARNOT

A chronica do nosso ultimo numero referiu se largamente ao monstruoso attentado que roubou á França o seu presidente, por isso hoje pouco mais poderemos adiantar sobre tão desgraçado acontecimento, n'estas linhas que acompanham a gravura que publicamos do assassinato de Sadi-Carnot.

O nosso desenho é composto segundo outros desenhos publicados por alguns jornaes francezes, procurando seguir as descripções do attentado.

A scena passa se momentos depois de Giovanni Santo ter commettido o assassinato.

Eram o horas da noite e o presidente Carnot, depois de ter assistido ao banquete no palacio do Commercio de Lyon, dirigia-se no seu *landau* e mais a sua comitiva, para o Grande Theatre, onde se realisava uma recita de gala em sua honra.

Ao passar na rua da Republica, e em frente ainda do palacio do Commercio, foi o *landau* rapidamente assaltado por um homem que parecia querer entregar algum requerimento ao presidente, pois levava um papel na mão. Era o italiano Giovanni Santo, que occultando sob o tal papel o punhal assassino, logo vibrou o golpe embecendo o punhal sobre o lado direito de Carnot, abaixo da ultima costella, interessando a aba direita do figado, que atravessou de lado a lado.

O presidente Carnot, prostrado pela punhalada mortal, é immediatamente socorrido pelo general Borius, que ia a seu lado no *landau*, e pelo *maire* de Lyon, mr. Gailleton, que occupava o assento da frente.

O assassino, que no primeiro momento pareceu

poder fugir, pois tão rapido assaltara o *landau* que ninguem dera pelo crime que elle acabava de praticar, depressa se sentiu seguro pela multidão que estacionava na rua da Republica para acclamar Carnot.

Foi grande a difficuldade que houve para salvar o assassino das mãos do povo, que ali mesmo queria vingár a morte de Carnot, até que por fim a policia conseguiu tomar conta d'elle, e levá-lo para a prisão.



O PUNHAL DO ASSASSINO

Na *Illustration* encontramos um desenho do punhal do assassino, que reproduzimos em gravura como documento curioso que será visto com interesse pelos nossos leitores.

Sabemos ser exacta a gravura, porque é feita sobre uma photographia tirada da arma homicida.

O punhal tem a lamina de fino aço de Toledo, de tres gumes, medindo 16 centimetros de comprimento e tendo 2 1/2 centimetros na sua maior largura, sendo a ponta extremamente aguda.

A lamina tem gravado em uma das faces a palavra *Toledo* e em outra *Recuerdo*.

O punho do punhal mede 10 centimetros.

Esta arma foi comprada por Giovanni Santo, no dia 22 de junho (entre vespera do attentado), em uma cutelaria de sr. Guillaume da rua Gambetta, em Cete.

EXPLOSÃO A BORDO DO PAQUETE «LOANDA»

Uma parte telegraphica recebida em Lisboa, no dia 13 do mez passado, deu noticia de ter havido uma explosão a bordo do paquete *Loanda* da carreira da Africa Occidental, ao tempo fundeado no porto de S. Vicente, resultando d'essa explosão a morte de tres individuos e ferimentos mais ou menos graves em uns 12 passageiros e tripulantes.

Telegrammas posteriores confirmaram esta noticia e trouxeram alguns promenores, sabendo-se que uma forte explosão occorrida no porão n.º 2 abalára todo o navio, envolvendo-o em fumo, não deixando reconhecer nos primeiros momentos o alcance dos estragos produzidos.

Pouco depois verificou-se que a escotilha do porão n.º 2 voara em estilhaços, o tombadilho fôra todo levantado e a primeira camara ficára arruinada, lavrando o incendio, que a custo pôde ser dominado.

Além d'estes estragos materiaes outros maiores havia, porém, a lamentar, pois a explosão victimara o passageiro Antonio Borges da Fonseca, alferes, que seguia de Lisboa para Loanda, e cujo cadaver foi encontrado entre as ruinas em lastimoso estado; mais dois tripulantes tiveram a mesma sorte, José Gomes Pinho, moço do convez e João Vicente.

Entre os passageiros mais mal tratados pela

explosão contam-se os srs. Antonio Lopes da Costa e Gregorio Freire de Borja Araujo rapaz muito conhecido em Lisboa como distincto amador pianista.

O commandante do *Loanda*, sr. Augusto Dias Cruz, e o 3.º piloto sr. Alfredo Victor Chaves, tambem soffreram algumas contusões.

Noticias vindas ultimamente referem que a explosão foi promovida pelo *grisú* desenvolvido nos paioes do carvão, outras versões, porém, correaram que fôra por uma bomba de dynamite criminosamente lançada, sem se saber por quem.

O paquete *Loanda* sahira de Lisboa no dia 6 de junho com destino aos portos de Africa Occidental.

Este navio foi adquirido pela Empresa Nacional de Navegação, no leilão da massa fallida da Mala Real Portugueza; por conta da qual fôra construido em Greenok, nos estaleiros dos srs. Scott & C.º

É um bello barco de 119^m,79 de comprimento e 13^m,86 de largura, com machinas da força de 4:000 cavallos e 3:500 toneladas. O seu andamento é de 14 1/2 milhas por hora.

Os prejuizos materiaes que soffreu são grandes estando avaliadas as reparações a fazer em cerca de 40:000\$000 réis.

Estas reparações vão ser feitas em Greenok nos mesmos estaleiros onde foi construido.

O paquete *Loanda* já chegou ao Tejo tendo passado os passageiros para bordo de outro vapor da mesma empresa que os foi embarcar em S. Vicente para os conduzir ao termo da sua viagem.

A nossa gravura é feita sobre um desenho do nosso distincto collaborador sr. José Parjal que o compoz segundo alguns apontamentos enviados de S. Vicente de Cabo Verde.

ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES

(Concluido do n.º 558)

O *Peace-Maker* é o submarino cujas qualidades mais se approximam das do *Goubet*, no entanto não pôde manter-se parado entre aguas como este.

A sua guarnição compõe-se de dois homens, e é armado com um torpedo de mina, para o ataque de navios fundiados.

O *Peral* é um barco submarino construido no arsenal de la Carraca, Hespanha, segundo os planos do tenente da marinha hespanhola, D. Isaac Peral, e experimentado em 1890.

Este barco tem a forma cylindrica terminado por duas pyramides cónicas muito allongadas, e as suas dimensões são 22 metros de comprimento e 2^m,87 de diametro, a meio.

O motor é a electricidade contida em accumuladores, accionando dois helices, dando-lhe a velocidade maxima de nove milhas por hora.

A renovação de ar respiraxel é feita por um processo analogo ao do *Goubet*, os movimentos no sentido vertical são determinados pela acção de dois helices horisontaes, e o apparelho optico e de pequenas dimensões como em quasi todos os barcos submarinos. A sua guarnição é composta de 6 homens.

O *Peral* é armado com um tuho para lançamento de torpedos automoveis, e não pôde manter-se parado entre aguas como o *Goubet*.

Comparando agora os seis barcos submarinos a que acabamos de nos referir em suas principaes qualidades e destinos com o submarino *Fontes*, diríamos:

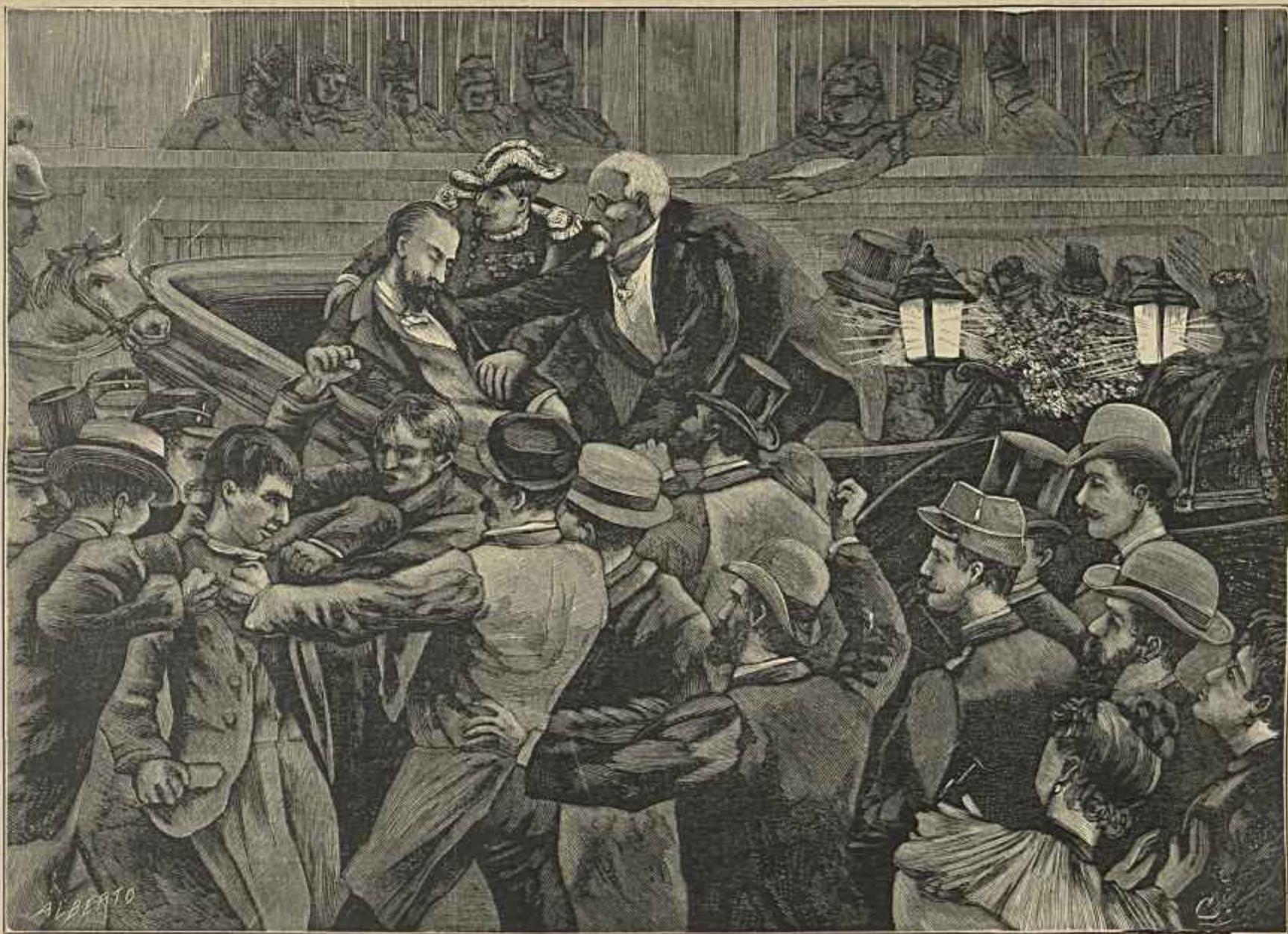
1.º — Que todos elles mergulham e fluctuam com segurança, e livremente podem navegar á superficie ou debaixo d'agua.

2.º — Que todos conservam perfeita estabilidade de equilibrio quando submersos, mediante o auxilio de servo-motores, com excepção unica do submarino *Fontes*, o qual mantem rigorosamente a sua estabilidade de immersão sem carecer do emprego dos servo-motores.

3.º — Que só os submarinos *Coubet* e *Fontes* podem permanecer longo tempo rigorosamente parados debaixo d'agua, accrescendo ainda ao submarino *Fontes* a importantissima qualidade de poder estar fundeado entre aguas, e n'estas condições resistir á corrente d'agua mantendo se á mesma profundidade por tempo quasi indefinido, conservando o seu eixo a inclinação que conviem em relação ao horisonte.

4.º — Que todos são destinados a servirem como machinas de guerra, sendo o submarino *Fontes* o unico que tem disposições para tambem servir como verdadeiro sino mergulhador auto-movel.

5.º — Que todos operam militarmente conservando-se em plena liberdade de movimentos, menos o submarino *Fontes* que é destinado a servir achando-se fundeado entre aguas, mas sempre



O ASSASSINATO DE SADI CARNOT, PRESIDENTE DA REPUBLICA DE FRANÇA

(Composição e desenho do sr. C. Alberto, segundo gravuras publicadas pela imprensa franceza)

em permanente inspecção da zona de mar occupada pelo inimigo.

6.º — Que todos necessitam ser dotados de uma extrema mobilidade e ao mesmo tempo de uma grande velocidade para garantia de successo, excepto o submarino *Fontes*, que, sendo destinado a lançar torpedos dirigiveis, não obstante poder fazer uso de todas as especies de torpedos, não precisa ser dotado de uma grande velocidade nem da extrema mobilidade indispensavel a todos os outros.

7.º — Que é o submarino *Fontes* aquelle que tem a sua estabilidade de immersão mais solidamente garantida, visto esta ser determinada por appaarelhos automaticos cujo funcionamento unicamente depende da construcção, sem por fórma alguma fazer despezã da força motora.

8.º — Que é o submarino *Fontes* aquelle cuja ventilação ou renovação do ar respiravel é feita com maior perfeição, visto ser constante e directamente obtida da atmosphera exterior.

9.º — Que o submarino *Fontes* tem por motor a electricidade contida em accumuladores, os quaes são carregados por um gerador existente a bordo do barco.

Pelo que deixamos exposto se vê claramente que o submarino *Fontes* deve figurar como bom entre os bons trabalhos realizados n'este genero, e rasões temos nós para pugnar para que se ponha em pratica tal invento, quando o *Universal*, jornal dirigido por um ex-ministro da marinha e collaborado por officiaes de terra e mar, n'um artigo muito desenvolvido tratando do submarino *Fontes*, diz o seguinte:

•E' conveniente notar que na guerra maritima, hoje, é a Inglaterra a nação que mais tem a perder com a generalisação do submarino como elemento da defeza ou ataque, ao passo que Portugal talvez seja o paiz que mais tem a ganhar com a adopção de tão poderosa arma de guerra.

A força do submarino é, de facto, mais moral do que material, mas é por tal fórma grande que não ha artilheria que se lhe opponha, não ha cou-raça que possa resistir a um seu ataque, não ha disciplina que contenha a guarnição ameaçada, emfim não ha ousadia que se não quebre ao primeiro rebate, ainda que frustrado.

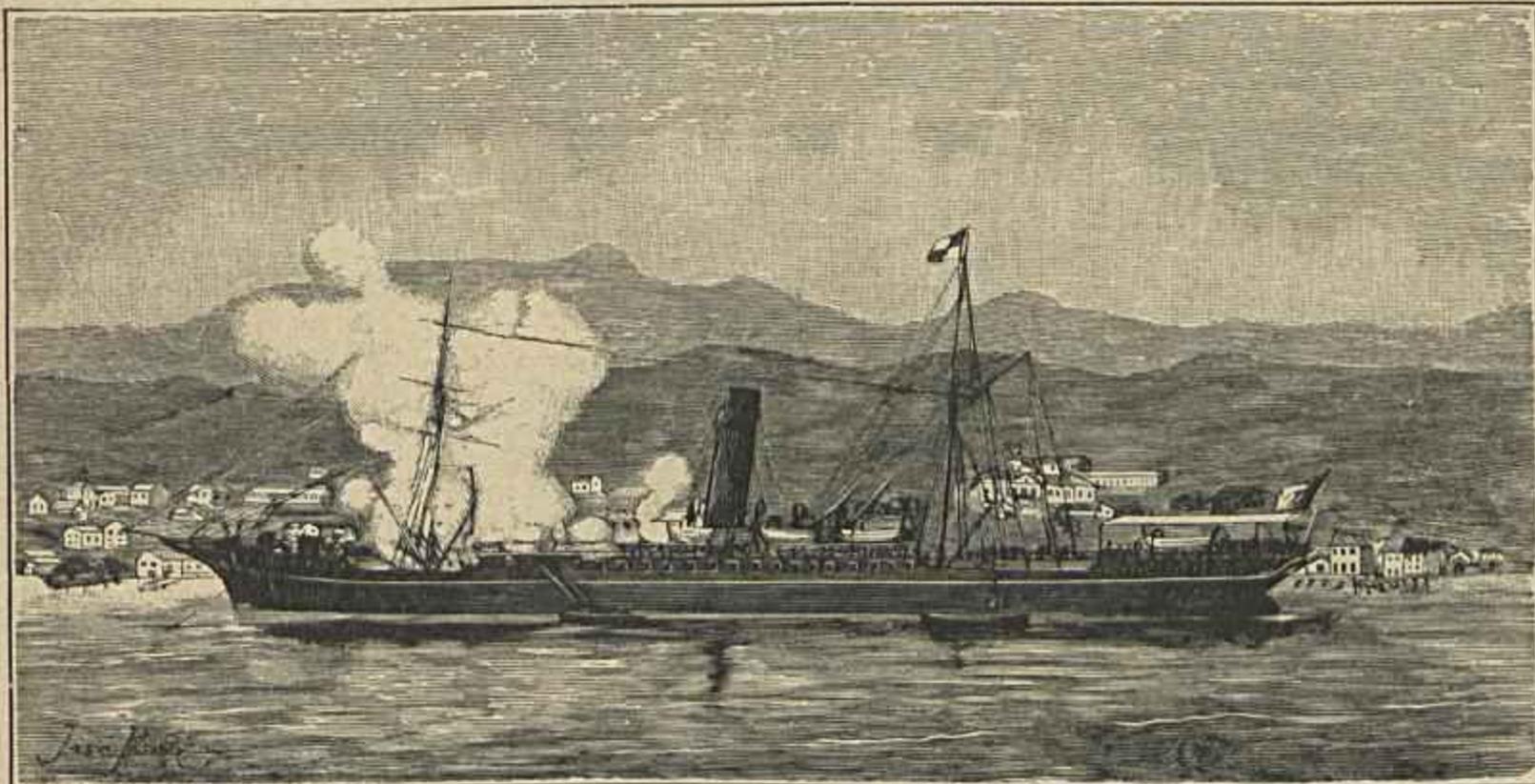
E' que não ha meio de combater o terrível inimigo aonde elle possa estabelecer-se.

MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUISIÇÃO DE LISBOA

IV

Villa-Real, depoz elle, inclinava-se à lei de Moysés; dava-se e carteava-se, sem ser por commercio, com judeus de Paris, Ruão e outras partes do norte da França, e d'elles recebia livros da sua seita, que lhe viu, sendo um d'elles em portuguez de doutrina e cerimoniaes judaicas; trouxera de França e a occultas muitos livros hereticos e perniciosos; tinha varios livros e papeis impressos e manuscritos contra o Santo Officio; um dos ditos livros era composto por Antonio Henriques Gomes, christão-novo portuguez, morador em Ruão, muito amigo de Villa-Real, e continha coisas infamissimas contra o mesmo tribunal, se bem que Villa-Real em presença d'elle padre declarava que a substancia era verdadeira, mas o modo de escrever escandaloso e que impedira acabar de imprimir-se o dito livro; indo elle padre a França em companhia do monteiro-mór em quarenta e um, conheceu ali Villa-Real e este lhe mostrara e ao secretario da embaixada, Christovam Soares de Abreu, uma obra que queria imprimir da vida do cardeal de Richelieu, na qual havia numerosas calumnias e queixas contra o



A EXPLOSÃO A BORDO DO PAQUETE «LOANDA» — FUNDEADO NO PORTO DE S. VICENTE DE CABO VERDE

(Desenho do sr. José Pardal segundo informações enviadas do lugar do sinistro)

10.º — Que o submarino *Fontes* navegando á superficie com velocidade reduzida pode empregar directamente nas suas machinas a electricidade do gerador, poupando a dos accumuladores, o que evidentemente lhe proporciona um raio d'acção muito grande.

11.º — Que o submarino *Fontes* é dotado de um appaarelho de visão que lhe permite, achando-se a seis metros de profundidade, tomar conhecimento do que se passa á superficie, dominando o horizonte.

12.º — Que n'estas circumstancias o submarino *Fontes* é absolutamente invisivel para os seus adversarios, por isso que estes são forçados a conservar-se a distancias nunca inferiores a quatro mil metros, a fim de estarem fóra do alcance dos torpedos, distancia a que é totalmente impossivel distinguir-se no mar um corpo com a exiguidade das dimensões da parte superior do tubo optico, e cuja cor se confunde com a das aguas.

Finalmente, que o submarino *Fontes* é uma estação ou bateria submarina, mas bateria movel, habitavel, de modelo completamente novo e construcção solida e barata, destinada a servir indistinctamente como machina de guerra ou como sino mergulhador, achando-se sempre em relação directa com a atmosphera exterior, e operando sempre independentemente de outra estação de qualquer ordem.

Evidentemente é uma arma de valor militar de primeira ordem na defeza de qualquer porto, e o seu estudo impõe-se a todas as nações que pensam em conservar-se defendidas por mar.

E' assumpto que deve ser estudado e discutido com toda a cautela e reserva possiveis.

A França deu agora um exemplo bem trizante com o caso Turpin (auctor da panclastite e melinite) inventor d'uma metralhadora d'este nome e auctor d'uma bomba explosiva, exemplo que a nosso ver nos devia servir de grande lição.

Apresentando-se ao governo francez para vender o seu invento foi mal recebido e só depois de ter partido para o estrangeiro, no firme proposito de formar uma companhia e vender o seu invento na Allemanha, é que a França, antes de elle dar a ultima palavra, se resolveu a aproveitar o seu trabalho.

Alem d'isso Turpin apresentou-se ao governo francez fazendo lhe uma proposta puramente mercantil, ao passo que o tenente Fontes offereceu ao governo portuguez, generosa e desinteressadamente, o fructo de seus estudos e trabalhos durante alguns annos, como os nossos leitores certamente já tiveram occasião de saber.

Santo Officio em Portugal, claramente indicando ter-lhe grande odio, as quaes elles dois lhe reprovaram, e Villa-Real promettera tirar, o que fez só parcialmente e deixando outras bastantes para o Santo Officio mandar recolher o livro depois de impresso; Villa-Real jactava-se-lhe de ser israelita da tribu de Levi e de prophelisar, por ter sangue de propheta; tratava de fazer reformar os procedimentos do Santo Officio e de reduzi-los ao estylo de abertas e publicadas, o que dizia com paixão, como quem o desejava, e era tido em Portugal pelo mais activo dos homens de nação, e por seu meio facilitariam elles o que quizessem. Sabiam de tudo o padre frei Antonio de Serpa, religioso da Piedade, que estivera em França com o marquez, e José Henriques e Fernão Marinho, um estribeiro e outro criado do marquez; mas receiava que, sendo estes dois homens perguntados, o manifestassem a seu amo, o qual tambem o sabia, por favorecer muito Villa-Real para se servir d'elle nos negocios do reino.

Sete dias depois, a 22, frei Francisco tornava a apparecer ante os inquisidores, e declarava ter ouvido que S. M. mandava a França Villa-Real, com grande ordenado, devendo voltar a Lisboa dentro de seis mezes; que receiava levasse papeis e recados contra o Santo Officio; que em Nantes falára a um christão novo, advogado, morador em Monforte, no Alemtejo, fugido então de Portugal, por medo de ser preso, mas, segundo dizia, sem culpa, o qual lhe contou que os christãos-novos portuguezes tinham posto em Roma

duzentos mil cruzados para obterem perdão geral e que no Santo Officio houvesse abertas e publicadas, e que em França escolheria companheiros para irem negociar estes pontos com Sua Santidade; que temia se juntasse Villa Real com o de Monforte, tanto mais que em França lhe ouvia a mesma opinião quanto ás abertas e publicadas; chagando a pedir ao marquez que n'este sentido escrevesse a El Rei, no que o marquez não concordava, posto lhe parecesse justo se concedessem outros favores á gente de nação; que tinha Villa Real na conta de judeu, pelo que lhe ouvia; que o marquez reparava ir elle, quando em França residia, passar as Semanas Santas a Ruão, onde estava sua mulher, e dizia que era para comer o cordeiro paschoal com seus amigos n'aquella cidade, na qual havia muitos judeus declarados.

Em virtude do primeiro depoimento de frei Francisco, foram interrogados o marquez de Niza, os dois criados d'este e o padre frei Antonio de Serpa. Segundo o marquez, as pessoas de nação que se azeitavam de Portugal eram em geral supeitas de judeus, tanto que, havia annos, se fizera queixa em Paris de o serem os christãos novos que viviam em Ruão, queixa que elles, com temor do castigo, abafaram por meio de dinheiro; Villa Real só graciando é que dizia descender de prophetas, e isto quando prognosticava certos acontecimentos; com effeito Villa Real quiz ir tirar do navio onde os embarcara os livros prohibidos; quanto ao livro de ritos judaicos intitulado *Theoatro dos Danim*, que elle marquez possuia e sobre que tambem fôra interrogado, enviou-lhe de Roma o conego D. Vicente Nogueira, que o obtivera de Amsterdam; quanto á obra de Antonio Henriques Gomes, ou Villa Real ou Jorge de Sousa, criado d'elle marquez, pois não se lembrava bem qual fôra, participara-lhe a sua impressão em Ruão, e que continha coisas contra o Santo Officio, posto o não nomeasse, pelo que elle marquez obteve uma carta do rei de França para o primeiro presidente do parlamento d'aquella cidade, a fim de impedir a sua continuação e de tomar o que houvesse impresso e os originaes; Henriques Gomes, intimado a desistir, annuiu a vontade do marquez, pelo menos não proseguiu no intento em quanto este viveu em França; Villa Real reprovava a impressão e foi elle que andou com os recados para a mesma se atalhar.¹

Fernão Marinho coisa alguma depoz que interesse; e José Henriques somente que no quarto de Villa Real em Paris vira um caderno manuscripto da obra de Antonio Henriques Gomes, onde, conforme o dito Villa Real lhe contou, se falava muito mal do Santo Officio.

Frei Antonio de Serpa, religioso de S. Francisco da provincia da Piedade, morador no convento dos Olivares, de Coimbra, que fôra confessor do marquez de Niza todo o tempo que este residiu em França, qualificado por Villa Real como sujeito de grande virtude e tanto de sua confiança, que estava pelo que elle declarasse acerca de sua vida e costumes, não lhe foi pouco prejudicial, pois testemunhou: tinha Villa Real por judeu, opinião que era tambem a de muitas pessoas, e por atheista; e o considerava judeu afóra outras razões, porque, depois que foi para Hollanda Jacques Fernandes, filho de portuguez, nascido em França e publico professor da lei de Moysés, Villa Real tratava em Paris dos seus negocios e com elle se correspondia; porque tinha igual familiaridade com outro judeu chamado D. Jorge de Madrid, que estava na synagoga de Rotterdam professando publicamente a mesma lei, e por ver cartas a Villa Real do archisynagogo de Amsterdam, e Villa Real gabar-se de as ter e de n'ellas ser convidado para seguir a n'esta cidade, fazendo-se-lhe para isso grandes partidos. Referindo-se á obra de Antonio Henriques Gomes, declarou que algumas pessoas de casa do marquez de Niza acreditavam serem da penna de Villa Real os periodos mais violentos d'ella. De resto Villa Real censurava os procedimentos do Santo Officio; propalava que os inquisidores enriqueciam com os bens dos christãos-novos, e juntamente com o padre Antonio Vieira era de parecer que houvesse em Portugal synagoga, pois a havia em Roma, e abertas e publicadas. Por meio de ambos se intentaria o commercio da bolsa do reino e se procuraria quanto conviesse á gente de nação.

No dia seguinte, 23 de Outubro, frei Francisco ainda voltava á carga para depor que Villa Real é que dera

ao marquez o livro *Theoatro dos Danim* (ao contrario do que dissera o proprio marquez); e que o auctor era um famoso rabino portuguez, morador em Amsterdam, conhecido d'aquelle, muito douto em linguas, e que tratava de estampar outras obras semelhantes.

(Continúa)

Ramos-Coelho.

DIABRURAS, SANTIDADES E PROPHECIAS

FADAS, FEITICEIRAS E BRUXAS

(Continuado do n.º antecedente)

No grupo charlatânico avultam tambem os *Aljábrietas* ou *Aljabaristas*, do arabe *aljabbar*, assim chamado ao que concerta os ossos deslocados e sabe encanar os quebrados; nas nossas aldeias são mais conhecidos por *endireita*, e quasi sempre os mesmos se encarregam de levantar a espinhella. As *benfedeiras* são as que applicam remedios com palavras sacramentaes, invocando santos com orações, como a de Santa Mafalda e outras lendas religiosas. As que transcrevemos em seguida vão no verso, se verso se lhes pode chamar, conservado na tradição popular, preferível a todo e qualquer correctivo metrico que hoje se lhe fizesse.

Para livrar as creanças de quebranto em algumas terras ainda se usa passal as tres vezes por uma meada de linho, ou melhor — tomar uns pedaços de chita e de panno de lã um chinello velho, quatro corninhos, dois queixos de gato bravo, uma crista de gallo, ramos de rosmaninho, de aroeira e de alecrim, e deitando tudo no brazeiro, expor ao fumo a creança, que fica logo livre de maleficio, dizendo a seguinte oração:

N... (nome da victima) tres l'o deram
Cinco l'o tirarão,
São as cinco pessoas
Do Senhor S. João.

Ha tambem molestias em que o povo prefere a cura milagrosa, como no *cobro* contra o qual applicam o alho pisado com polvora, diluido em vinagre de sete ladrões, e com este ingrediente bebentam tres vezes em cruz a erupção, dizendo:

Eu te córto còbro
Cabeça, rabo e corpo todo.

Aspergindo com um ramo de alecrim, ensopado no mesmo liquido, accrescentam:

Quando S. Bento era estudante
Nenhum bico ia por deante,
E na mesma escola andava S. Braz,
Aqui te seques, aqui te mirrarás.

Isto deve ser repetido nove dias seguidos para obter cura radical.

Para apressar o parto, diz a megera virtuosa:

Mordei n'este maço pão
E-forças, rosa florida,
Eu venida e vós parida:
Kyrieleison, Christeleyson.
Dizei tres vezes a passinho:
O verbo caso fato he
Dou-vos a Sam Sardoninho.¹

Contra a erysipela a panacêa consiste em nove pedras de sal, nove rebentões de sabugueiro, nove

gottas de ezeite virgem e nove de agua da fonte, e com esta mistura unta-se o local inflammado durante nove dias, dizendo-se todas as vezes:

Pedro Paulo foi a Roma
Jesus Christo encontrou
E elle lhe perguntou:
Pedro Paulo que vae por lá?
— Muita maligna erysipela.
Pedro Paulo torna lá,
Talha-a com ervinhas do monte
Aguas da fonte
Azeite bento
Que alumie o Sacramento.

Em outras terras as benfedeiras servem-se de um pedaço de cor-ta de esparto, molhada em azeite virgem, e fazendo com ella na casa do doente varias cruças, recitam em voz alta:

D'onde vindes, S. Julião?
Venho de Roma
Que vae por lá?
Muita morte
Em que?
Heresypela, heresypelão
Escapário?
Sim, benzido
Com corda d'esparto,
Azeite virgem,
Palavras de Deus
E da Virgem Maria.

Tambem se usa fazer cruces com um ramo de sabugueiro por tres dias successivos, resando:

Sempre verde bem aventurado
Na sepultura de Deus creado,
Postes nascido sem ser semeado
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria,
Creou esta rosa este chão
Resseca esta irizipela irazepelão,
Em louvor de S. Thiago e S. Silvestre,
Tudo quanto eu faço preste:
Em louvor de Nosso Senhor
Que elle seja o seu divino mestre. Amen.

Para desfazer as nevoas dos olhos tomam tres folhas de oliveira, que collocam em cruz entre os dedos polegar e index da mão esquerda, e com a direita vão fazendo cruces na cara do enfermo, dizendo:

Senhora Santa Luzia,
Tinha tres filhas;
Uma amassava,
Outra tendia,
Outra no fogo ardia.
Se és carnição,
Valha-te S. João.
Se és cabrita,
Valha-te Santa Rita
Se és nevoa
Valha-te o Senhor da Serra.

Em algumas das nossas aldeias, quando pretendem combater tristuras, com emagrecimento e repugnancia ao trabalho, usam deitar n'uma telha com brasas alguns ramos de alecrim e de loi-ro, uma mão cheia de sal, um fio de azeite virgem, tudo disposto em cruz, defumando a casa tres noites successivas, e deitando depois as cinzas pela agua abaixo. Em outras a pratica differe no combater a mesma enfermidade. Metem dentro de um saquinho verde uma cabeça de vibora, sete fios de retroz com tres nós em cada ponta, uma pitadinha de sal virgem, tudo defumado com azeite bento, n'um bilhete escripto com sangue de ratazana, o seguinte:

O azeite de Deus é bento que alumia o Santissimo Sacramento,
Vá o mal d'esta casa para fóra e venha o bem para dentro

Contra a vertoeja tem sido remedio especifico ir a uma possiça de porcos e esfregar o corpo com a palha que lhes serve de cama, repetindo tres vezes:

Assim como porcos e porcas dormem aqui
Assim tu maldita vertueja saias d'aqui.

Outros dizem:

Sapo sapão,
Bicho bichão,
Rato ratão,
Lagarto lagartão
Saramella saramellão,
Aranha aranhão
E todos os bichos que taes
Seccos mirrados sejaes.

Para afugentar o diabo temos a oração de S.

¹ Antonio Henriques Gomes, christão novo, nasceu em Portugal nos fins do seculo XVI ou no começo do seguinte; foi educado em Hespanha, e passou grande parte da vida em França, onde o rei Luiz XIII o nomeou cavalleiro da ordem de S. Miguel e o fez seu conselheiro e mordomo ordinario (Bibliotheca Lusitana). Escreveu bastante; mas tudo que se conhece d'elle é na lingua hespanhola, porque a unica das suas obras que Bartolomeu Machado apresenta como portugueza na mesma parçe sacrita, conforme veremos. Viveu, pelo menos muito tempo, em Ruão e ali conheceu Villa Real. D. Francisco Manuel de Mello censura nos *Apologos dialogues* o gosto e o estylo d'este auctor.

As suas obras em verso e prosa não entram-se na *Bibliotheca Lusitana*; entre ellas figuram muitas comellas, *O Triunpho Lusitano*, um dos escriptos ali mencionados, a cremona e *Diccionario bibliographico de Innocencio Francisco da Silva*, é em hespanhol, e não em portuguez, e tem o seguinte titulo: *Triunpho Lusitano, recibimiento que mandó fazer Su Magestad el Christianissimo Rei de Portugal Luiz XIII a los Embaxadores extraordinarios que Su Magestad el Serenissimo Rei D. Juan el IV de Portugal le embiò, año de 1641*. É um folheto de 20 pag. de 4.º, sem folha de rosto e sem lugar, data de impressão e auctor. Innocencio esboçea apenas na exemplar, em poder de Antonio Joaquim Moreira. Pela nossa parte não sabemos de nenhum a associação d'esta bibliographia julgamos a plausivel, e ter sido Henrique Gomes educado em Hespanha, por compor em hespanhol todas as suas obras litterarias, e por muito mais a dever fazer n'esta de caracter historico e de propaganda, e que portanto era de maior conveniencia divulgar na Europa, mediante aquella lingua, então n'ella tão conhecida, motivo que só por si levou tantos portuguezes proficientes na sua a empregarem-na, com

manifesta vantagem da causa nacional, na mesma época. Por idéntica razão nos temos servido modernamente do francez, posto menos, pela maior difficuldade de escrevel-o.

Outra das suas obras é o *Politico angelico*, e a esta se refere o depoimento do marquez de Niza. Imprimiu-se este livro em Ruão, em casa de Lourenço Nancy; estava-se no anno de 1647. Villa Real, conhecido e amigo do auctor, como sabemos, levado da curiosidade propria dos bibliographos ou de outro qualquer motivo, escreveu a Antonio Rodrigues de Moraes, residente na mesma cidade, para lhe obter do impressor a porção já estampada, e lendo-a e encontrando n'ella algumas coisas escandalosas contra a Inquisição de Portugal, representou-o ao marquez e tambem a conveniencia de não se publicar a obra. Percebidu-se o marquez das suas razões e alcançou do rei de França a carta a que se allude no seu depoimento. Esta carta era datada de 8 de Abril de 1647 e existe por copia na Bib. Nac. (Mello, Mas, n.º 398, fol. 41 v.). Apesar d'isto, concinou-se do presente processo que o marquez a não aproveitou e só mandou dizer por Villa Real a Henrique Gomes que era de parecer não fosse por diante, com a impressão; no que elle concordou. Mas se então não foi por diante completo a pouco depois; assim o faz suspeitar o marquez, quando diz que se não continuou enquanto residia em França como embaixador; assim o assevera frei Antonio de Serpa, conforme veremos, pois testemunha que se acabou de imprimir a que frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo a leu completa, e assim o em Braz Barboza Machado incluindo esta obra entre as do auctor que foram dadas á luz. É verdade que Villa Real e frei Francisco se referem apenas á obra incompleta, e nada dizem quanto ao seu acabamento; mas deve dar-se-lhes inteiro credito? Não seriam elles interessados em calar esta circumstancia?

¹ Gil Vicente na comedia de *Zubeno*.

Custodio, que dizem de effeito infallivel e que termina assim:

Sete raios leva o sol.
Sete raios leva a lua.
Arrebenta para ahí diabo,
Que esta alma não é tua.

Para combater as sessões consideram infallivel a seguinte oração resada pelo doente:

Senhora Santa Mafalda,
Esquecida do mundo,
Alembrada de Deus,
Tira-me estas maleitas
Pelo amor de Deus:
Que vos hei de dar
Uma bôla e uma cebola.

Quando teem de fazer estancar sangue as benzeduras põem a mão na ferida, ou em qualquer parte do corpo, não havendo ferimento, e como hemostático entoam a seguinte cantilena em latim:

Sanguis mane in te;
Sicut Christus fecit in se:
Sanguis mane in tua vena:
Sicut Christus in sua pena:
Sanguis mane fluxus
Sicut Christus fuit crucifixus.

A pharmacopéa dos bruxedos e das benzeduras é vastissima: além dos específicos que deixamos mencionados, figuram também o incenso macho (?), a baba do cão raivoso, as entranhas do linco, o açafraão, a terra sigillada, o espirito de ferugem (?), a arruda silvestre, a triaga, as cabeças de cobra, as cinzas do cágado, da toupeira, das minhocas, os olhos dos caranguejos e do sapo, o esterco dos pombos, a rasura das unhas da grã-besta, etc.

Algumas d'essas megeras, quando consultadas pelos sectarios de S. Cypriano, vão bradar ás portas do cemiterio pelas nove almas, sendo tres de enforcados, tres de mortos a ferro-frio e tres de afogados. Para completarem o conjuro fazem depois um fervidoiro em vinho com alecrim, sal das tres Marias, incenso do cirio da Paschoa, palma de domingo de Ramos, vela das Candeias, etc.

Algumas testas coroadas gosaram por muito tempo privilegios sobrenaturaes. Assim os reis de França curavam as alporcas só com o contacto das mãos; os de Inglaterra faziam desaparecer a gotta, e benziam uns anneis que livravam da mesma enfermidade, e os de Castella possuíam o condão de expulsar com a vista o diabo, quando se encaixava em qualquer corpo christão. Escriptores antigos dizem — que o rei da Lidia possuía um anel com a virtude de o tornar invisivel quando lhe convinha, attribuindo o dom de tão prodigioso talisman á pedra engastada e a artes do demonio!!

(Continua).

A. C. Teixeira de Aragão.

BULHÃO PATO E A PAQUITA

O homem e a obra.

O homem é a personificação de uma epocha que passou, mas que accendeu no peito dos que n'ella viveram a chamma do entusiasmo pela Patria, pelo Amor e pela Arte.

No estado actual os nomes que constituíram a estima litteraria d'aquelle tempo, são proferidos hoje, uns com desdém, outros citados com absoluta ignorancia do seu merecimento e deslocados até do seu valor real.

Bulhão Pato viveu na epocha em que o coração fallava. Não pôde ser comprehendido n'um tempo em que o dinheiro, só, é que falla e o Ideal é representado pelo Crime e pelo Suicidio.

Então os *Pepes* eram figuras dominadoras, ninguém se atrevia a discutil-os.

Os tempos andaram, e as campanhas da Regeneração deram nos o mesmo que as da Liberdade — o absolutismo.

Já não ha homens da craveira de Raymundo Bulhão Pato, porque a Demagogia domina tudo, litteratura, artes, sciencia, politica, industria, commercio, etc.

Tem uma vida ephemera, é certo, cada uma das facções que ora se rendem na posse. Mas foram moralmente desmembrando a nação, os povos, a familia, antes de chegar á propriedade adquirida, á terra. Nem essa escapou, todos o vêem.

Estava reservado para nós, geração eivada de todos os males vindos de tão longes tempos, assistir, não já á doença incuravel, mas ao estertor, á melopéa da agonía!

Bulhão Pato não é já para nós, só uma gloria

das letras portuguezas, — é mais — por isso que é uma reliquia de tempos em que o Talento era força e a Honra lei.

Nascido nas Províncias Vascongadas, tendo de um lado o mar, do outro as montanhas, Bulhão Pato tornou-se tão forte de espirito como rijo de corpo.

A Hespanha ardia em guerra; christinos e carlistas batiam-se desesperadamente. Mais de uma vez pela casa onde, em Bilbao, viveu Bulhão Pato, passaram ambos os beligerantes. O rebombo detonar do canhão, e a estridula cascalhada da fuzilaria, foram os primeiros sons que soaram aos ouvidos da creança que tinha de ser o grande amigo de Herculano e o genial poeta da *Paqueta*.

Forte, com uma verdadeira organização de lutador, Bulhão Pato não tem desperdiçado um momento da sua vida.

Como académico, decerto o não alcança o art. 73.º do cap. XI do Regulamento da Academia Real das Sciencias, por isso que fallam bem altos os trabalhos dirigidos por Bulhão Pato, como a *Decada XIII de Antonio Bocarro, Livro das Monções, Cartas de Affonso de Albuquerque*, etc.

Cá por fóra, também Bulhão Pato não perdia o tempo. Ahí vai ao acaso o que do correcto escriptor conheço, além das traducções de Shakespeare, Victor Hugo e Lamartine com que elle dotou o nosso theatro: *Digressões e novellas Paizagens Cantos e Satyras, Sob os cyprestes Hoje*; e as seguintes obras cujas edições se acham esgotadas: *Poesias, Canções da tarde, Cartas dos Açores, Flores agrestes, Lazaro Consul, O pavilhão vermelho e O marquez de Saltsbury*.

Ultimamente publicou Bulhão Pato o primeiro tomo das suas *Memorias* e completou o grande poema *Paqueta*.

A *Paqueta* é a grande obra de Bulhão Pato.

E' o estudo completo de meio seculo, o mar, os campos, a vida das cidades, o amor, a guerra, as classes sociaes: tudo ali está descripto em verso pujante, cheio de seiva, sonoro, firme, impecavel!...

Cintra!... Cintra antes de haver caminho de ferro, porque como dizia Bulhão Pato a Alexandre Herculano em carta de 5 de maio de 1856: "... a atmospherá dos nossos dias, obscure ida pelo fumo das machinas de vapor, rouba aos olhos as suaves e encantadoras perspectivas da natureza.

Diz o poeta:

Cada pedra um altar! Cada eminencia
Miradouro encantado, onde o homem falla,
N'uma lingua ideal, co'a Providencia!
Quando a aragem as arvores embala,
Ninho de amantes, namoral encôrro;
Sinai em fogo, quando o raio estrala!

Como uma frecha ao alto despedida,
A Pena, no horizonte recortada
Ou nas brumas espessas envolvida,
Sempre elegante, e andaz enamorada
Dos primitivos clarões dos nossos feitos,
A dominar a serra alcantilada!

As descripções da Guerra, da Tempestade, elevam-se ao diapason epico do Camões.

O que elle diz dos egoistas que estragaram tudo que constituía a sociedade portugueza, é assombroso pela razão e pela verdade.

O culto suave e terno que elle tem pela Mulher — merecia bem que esta, ao menos, ensinasse aos filhos que se descobrissem ao vêr o grande lyrico, o unico poeta portuguez que depois dos sessenta annos ainda canta com a mesma crença e vigor da mocidade — Deus, a Patria e o Amor!
E' isto Bulhão Pato e é isto a sua obra.

A falta de espaço não permite alongar este deileite, como é o de fallar em uma obra sincera e de um grande crente; mais é dever, e inadiavel, accusar a recepção dos trabalhos que nos foram enviados por outros auctores, como são: a *Anthropologia criminal*, de Ferreira Deusdado; *O senhor de Fátos*, do visconde Sanches de Frias; *Os orfãos de Calcut*, de Lopes de Mendonça; *a Vid' Arrada*, de Alfredo de Mesquita; *O 1.º de Maio*, de Magalhães Lima, e o *Alexandre Herculano*, de Galdas Cordeiro, — a todos o nosso agradecimento, já; e mais tarde, por sua vez, trataremos de cada um d'estes interessantes livros.

Manoel Barradas.



REVISTA POLITICA

No final da nossa ultima revista, demos noticia do decreto sobre a cobrança dos impostos e auctorisação das despezas, no anno economico de 1894-1895, que o *Diario do Governo* acabava de publicar, mas não entramos na sua apreciação por falta de tempo, para não dizer-mos competencia para analysar o relatório que precede o decreto, sobre o qual, em boa consciencia, poucos ou nenhuns poderão emitir opinião segura, principian-do pelos proprios ministros que o firmam, tal é a embrulhada e anarchia em que andam as finanças e contas do thesoouro.

E de facto, quem ha ahí que saiba ao certo o estado claro e nitido d'essas finanças e d'essas contas. O proprio sr. Carrilho que confecciona os orçamentos e faz prodigios arithmeticos com as cifras, punhamos as mãos n'umas Horas em como não tem a consciencia plena e nitida do estado da fazenda publica, porque não se pôde fazer um balanço verdadeiro, positivo, onde não ha escripturação nem contabilidade regularmente organizada.

Toda a gente que anda um pouco ao facto do que se passa por essas secretarias de estado e muito principalmente nas repartições de fazenda, sabe isto, e por isso é ocioso insistirmos.

D'este modo que confiança podem inspirar os relatórios sobre o estado da fazenda publica, que n'estes ultimos tempos tem enchido as columnas do *Diario do Governo*, alguns até em bonito estylo, quando esses relatórios são feitos sobre informações dos directores geraes ou chefes de repartições que não são modelo de ordem nem de trabalho, e sobre calculos e probabilidades que não podem ser resultado de estudos serios, para que os ministros não tem tempo, sempre atarefados com a politica e perseguidos de milhares de pretendentes, calculos e probabilidades que por serem phantasticos fallham a cada passo, como se tem visto?

E' por isso que não nos deixamos entusiasmar pelo que diz o relatório, nem lhe batemos as palmas, porque o não queremos fazer sem a consciencia da nossa alegria ser justificada.

Motivos de sobra ha para esta reserva se compararmos as maravilhas que o relatório nos conta, com as amarguras da crise que ainda todos estão soffrendo, desde o operario, a quem falta o trabalho, até ao proprietario a quem escaceam os rendimentos.

Mas, enfim, nós fazendo justiça ao governo, comprehendemos que o seu dever é animar o espirito publico, porque... *um fraco rei faz fraca a forte gente*, e então é preciso dar exemplos de fortaleza contra esta adversidade que nos presegue.

Mas como nem todos estão possuidos do mesmo animo forte, lá appareceu o manifesto ao paiz contra o alludido decreto, dizendo ao povo que não deve pagar os impostos por ser illegal a sua cobrança, que só as córtés podem auctorisar, segundo o respectivo artigo d' carta.

Este manifesto, firmado por alguns ex ministros e deputados da opposição, em que entram dois republicanos, é a reedição de varios artigos de fundo platonicos e inoffensivos, tal qual os famosos discursos pronunciados na reunião das Portas do Sol. e os estafados artigos estatelados nas folhas opposicionistas. o que levou o sr. Fuschini a não o assignar e a classificar o de frouxo, em presença da fortaleza do governo, n'uma carta que dirigiu no *Seculo*. E o sr. Fuschini tem razão, ainda que não desenvolve lá muito claramente as suas idéas, na referida carta, que deixou muita gente em jejum sobre a coherencia com que sua ex.ª assistiu ás reuniões dos partidos coligados e se absteve de assignar o manifesto.

Mas se a fortaleza do relatório do governo contrasta singularmente com a frouxidão do manifesto dos partidos coligados, cremos que nem uns nem outros tem muito de que se applaudir, porque a decadencia politica é manifesta, e assim como não ha governos que prestem, pela mesma razão não ha opposições que tenham auctoridade.

O dizer ao povo que não pague os impostos, é uma banalidade como outra qualquer desde que os que tal aconselham não garantem ao povo a defeza de um tal proceder, e lhe não dizem: *nós somos os primeiros a não pagar e cá estamos com o nosso valimento para vos deffender se também não pagardes*.

Mas como hão de proceder assim, se os conse-

lheiros querem receber no fim do mez os ordenados dos empregos que exercem.

Tudo platonismo com seus assomos de loucura, que é em que tudo isto vae.

Uma coisa, porém, ha, que pôde ser mais positiva que o relatório do governo e o manifesto das oposições coligadas, e são os protestos que se estão levantando contra a reforma da contribuição industrial, modificada em dictadura pelo governo, em vista das reclamações que primeiro levantou, e que mesmo agora depois das modificações, ainda levanta.

Estes protestos podem trazer serias difficuldades ao governo e receamos muito mais d'elles que de todos os manifestos dos politicos.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Alexandre Herculano, por *Caldas Cordeiro*. Lisboa — MDCCCXCIV. — Por graciosa offerta do auctor, recebemos esta pequenina obra cujo estylo é, se assim podemos chamar, um estylo in-

dependente. A independencia litteraria — a do raso sujeito — não é aquella de que se arrogam os desinteressados escriptores d'uma ou outra epoca mais ou menos corrompida, mas sim a fórma de dizer sem reboço, e mais: dizer justa e precisamente o que se sente ou pensa, posto que para encontrar o vocabulo se force o espirito e ainda que para melhor congruencia da ideia com a fórma se tente doural-o. O nosso amigo *Caldas Cordeiro* não doura a palavra, applica a no seu lugar e tão independente, tão autonoma, que ella vale pelo que representa.

Assim, á primeira vista, termos ha que, por de subito, nos parece provenha o seu emprego d'um certo «pe atrás» a que os francezes chamam *parti pris*.

Mas não é assim, pois que perpassa pela obra de *Caldas Cordeiro* um sopro de como que uma descrença por tudo e todos, que só é temperada pelo muito que ás vezes se permite de admirar. E esta admiração suavisa sempre, assadia continuamente esse indefinido sopro de azedume que transpira do seu modo de dizer.

Inexoravel para uns, parece devia ser complacente para com outros, mas não, porquanto não mostra conhecer meios termos, emfim, talvez por exigente, pouco ou nada o satisfaz.

Só *Herculano* logra, no espirito do nosso amigo, avivar a sua tendencia para admiração, e de tal fórma se impõe, pois que assim é de justiça que por qualquer das fórmas que elle o considerará, sempre *Herculano* é grande e bom.

Desde as *Ideias geraes*, isto é, a apreciação synthetica, até á analyse d'aquelle formosissimo ca-

racter, já como poeta, romancista ou historiador e politico, *Caldas Cordeiro* presta a *Herculano* o tributo devido.

D'aqui se deduz, pois, que lemos agradavelmente impressionados, o pequeno livrinho, em que, além do que notámos, transparece e evidencia-se da parte do auctor um estudo e especialmente um criterio, pouco vulgarés, n'este mundo de letras portuguezas em que os criticos intrinsecos parecem que não existem e dos positivos nem sequer conhecemos noticia.

Leia-se, pois, este pequeno trabalho.

Compendio de Desenho Linear Elementar para uso dos alumnos de instrucção primaria elementar, e complementar, dos que frequentam o primeiro anno do curso dos lyceus, dos das escolas normaes e das das escolas de desenho industrial por José Miguel d'Abreu professor effectivo da 10.^a disciplina industrial (desenho architectonico, topographico e de minas) do Instituto Industrial e Commercial do Porto, antigo professor proprietario da cadeira de desenho annexa á faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, commendador da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; socio correspondente do Instituto de Coimbra etc. Obra approvada pelo governo em conformidade com o parecer da junta consultiva d'Instrucção Publica etc., approvada pelo Conselho Superior de Instrucção Publica etc. pelo Con-

selho Scientifico da Sociedade de Instrucção do Porto e premiada com o primeiro premio na exposição pedagogico-escholar, no Porto, em 1890. 10.^a edição. Coimbra, Imprensa da Universidade 1893.

Divide-se este compendio em: 1.^a parte (instrucção primaria elementar e 1.^o anno de curso industrial elementar) principios elementares de desenho linear á vista; 2.^a parte, primeiro anno do curso dos lyceus, instrucção primaria complementar, primeiro anno das escolas normaes e segundo anno do curso industrial elementar; esta segunda parte tem um supplemento, fragmentos de ornamentação de diversos estylos.

As edições d'este compendio succedem-se com uma frequencia desusada em livros portuguezes, mesmo nos de instrucção, tanto mais para notar n'este, se attendermos a que o programma official do ensino de desenho, não tem soffrido alterações n'estes ultimos tempos, e esta frequencia de edições do *Compendio de Desenho Linear Elementar* do sr. José Miguel d'Abreu, confirma plenamente a excellencia da obra, e o que aqui dissemos, n'este logar em o n.^o 461 do *OCCIDENTE* de 11 de outubro de 1891, apreciando a oitava edição com que o seu auctor nos brindou.

Não podia deixar de ser assim porque este compendio é o mais completo e mais accommodado ás necessidades de estudo actual, muito principalmente se attendermos ao ensino nas escolas industriaes, que tanto desenvolvimento tomou.

Prefeitamente ordenado para o ensino desde os principios mais elementares até onde chega o programma official, encaminha o estudante e desen-

volvê-lhe o gosto pelo estudo do desenho, ao alance de todas as intelligencias.

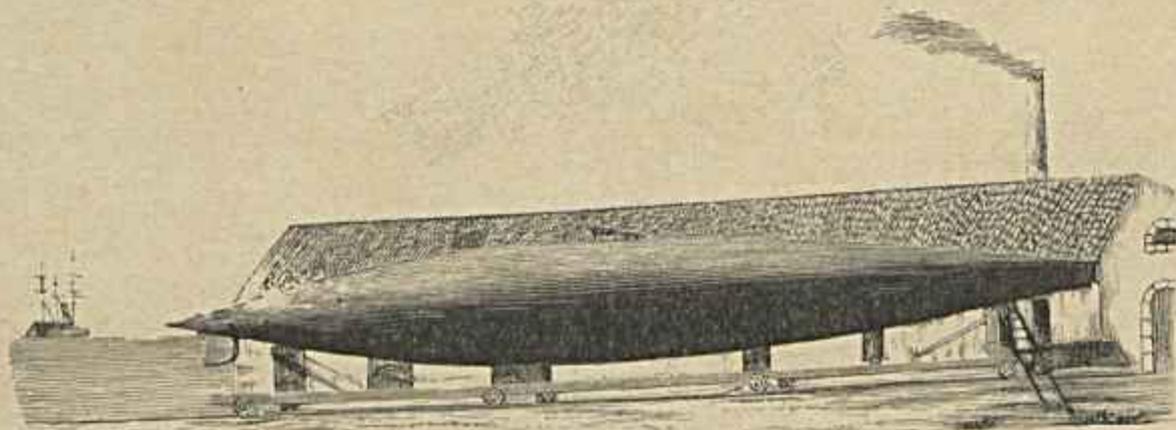
N'estas circunstancias o digno professor sr. José Miguel d'Abreu, presta um relevante serviço á instrucção em Portugal, publicando o seu *Compendio de Desenho Linear Elementar*, na magnifica edição que temos á vista e que muito agradecemos ao seu auctor.

Destinado aos principiantes tem este livro maior utilidade do que pode parecer, pois que tambem aproveita os professores ministrando-lhe um livro em que elles de subito e apropositamente encontram exemplos de todos os accidentes, e transformações grammaticaes.

É este trabalho mais uma prova do estudo do seu auctor como tambem é mais uma manifestação do seu talento.

O sr. Luiz Rodrigues é um professor muito distincto, vantajosamente já conhecido, e um do

ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES



O SUBMARINO PERAL.

raros que deseja saber tudo o que estuda, contrariamente áquelles que nem sabem o que estudam. De tal predicado se recente o presente livrinho, cuja forma elementar despretençiosa nos dá a conhecer a modestia do seu auctor.

Assim recommendamos este livrinho, consciendo do que dizemos, accrescentando que é accessivel aos estudiosos.

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1894

Vae entrar no prelo este magnifico annuario para o qual se recebem annuncios até o fim d'este mez.

Recebem-se desde já encomendas na

Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo

LISBOA

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade de artistica e litteraria.

Barrata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.^a